



UFRJ

Aluno: Marcio da Silva Rosa

DRE: 115049531

Curso: Artes Cênicas – Cenografia/ BAT/ Escola de Belas Artes – UFRJ

Projeto: MEMORIAL DESCRITIVO - Eu sou cenografia, eu sou espaço

Orientador: Ronald Teixeira

Coorientador: Luiz Neves

Data da defesa: 11/07/20019

Resumo

O objetivo desse projeto é realizar uma cenografia que saia do campo visual e vá para o campo do sensível, levando o público a fazer um mergulho para si, trazendo seus sentimentos, pensando como se fossem uma caixa de afetos. Meu objetivo é afetar estes indivíduos que tiverem acesso a obra. Para isso criei um espaço em que cada setor terá um estímulo diferente, sendo cada setor uma parte de mim. Assim trazendo uma

experiência particular e compartilhando com o público para que afete quem está de encontro com esta obra.

Palavras chaves: Afetar, Caixa de afetos, Sensível

MEMORIAL DESCRITIVO - Eu sou cenografia, eu sou espaço

Introdução

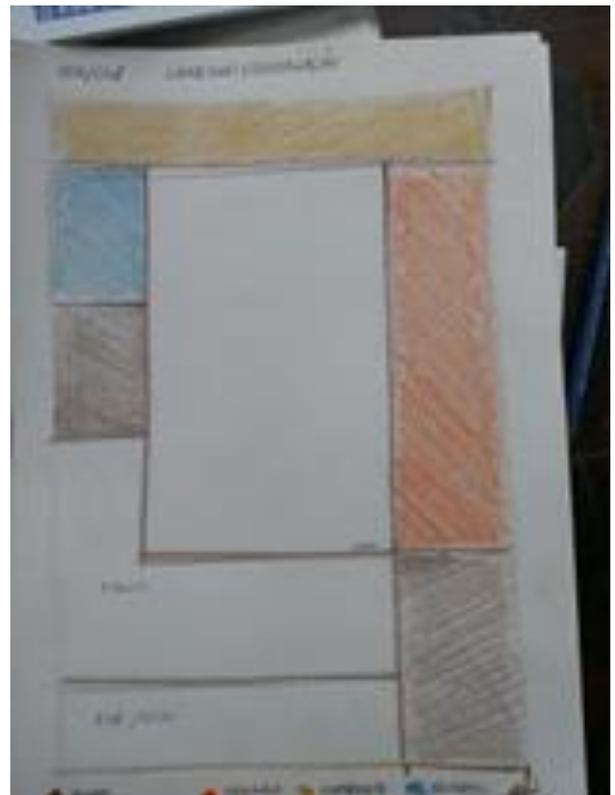
O objetivo do projeto é realizar uma pesquisa na área da cenografia, que se origina no campo visual e vá ao encontro do público, de modo que o faça acessar essa obra, buscando tocar emoções, possibilitando imaginar a sua própria cenografia. É que esta cenografia possa sair de suas próprias memórias e sensibilidade. Cada corpo carrega suas lembranças e marcas, como feridas, algumas cicatrizadas, outras não. A intenção é tocar nessas marcas, e só desse modo fazer o público acessar essas emoções e incorporar à sua vida. Cada pessoa do público é como se fosse uma caixa de afetos, cada momento de sua vida é como se colocasse elementos nessa caixa: esses elementos são suas emoções, uma mais a florada, outra mais tímida. Esse projeto tem como objetivo abrir essa caixa ou remexer lá para provocar movimentos, sentimentos, desejos e sensações. E a partir daí cada pessoa no público criará a sua própria cenografia dentro de si.

Histórico

Comecei a pensar nesse projeto depois que tive a experiência de trabalhar na cenografia de uma peça da ECO - Escola de Comunicação da UFRJ, que se chamava "Ô de dentro". Esta peça fazia o público entrar descalço e com vendas nos olhos, provocando não apenas assistir a peça, mas também a tocar na cenografia, sentir odores, a experimentar um pedaço de bolo. O que mais me causou admirava quando o público tirava a venda cada um imaginava a sua própria cenografia, mas não conseguiam enxergar como ela era na realidade. Cada um imaginava de acordo com as suas projeções, suas lembranças de casa da avó... (a peça retratava sobre a vida de um neto e sua avó).

Ao criar esta cenografia junto com Caroline Maduro e Renata Moreira, colegas da UFRJ, comecei a perceber a cenografia com outro olhar, comecei a enxergar uma

cenografia mais provocadora. Eu achava mágico o contato físico com material e as sensações que causavam. A compra dos materiais para a cenografia foi também surpreendente, não me importando tanto se as cores combinavam ou não, mas sim o que aquele material me estimulava, se era quente, frio, crespo, etc...



Conceitos inspiradores

Fui bolsista em um projeto de pesquisa com a professora Cássia Maria Monteiro, o onde tema da pesquisa era o chamado de *Momento Tropicália*. Com essa pesquisa tive acesso aos trabalhos de Hélio Oiticica, com o qual me identifiquei e resolvi estudar mais profundamente.

Hélio Oiticica, no texto "Situação da Vanguarda no Brasil" comenta que não precisamos produzir arte, mas sim que devemos ser o operador dessa arte, podendo "provocar" esta arte. Precisamos aprender que estamos lidando com um corpo, com um ser. Este corpo seria com uma caixa de sentimentos.

Outro texto que me inspirou para realizar esta pesquisa foi "Breviário sobre o corpo", escrito por Lygia Clark em 1967. Este texto me levou reflexão o conceito dessa caixa de afetos, ao pensar que somos desde crianças lançados em várias emoções e cicatrizes.

"Mãos que no cigarro compensavam a falta do alimento atrasado, da avidez do presente, da voracidade da vida. Mãos que nunca foram terminadas na sua forma definitiva, mãos de criança que pula corda, joga amarelinha, tira melecãs do nariz, mãos que passearam pelo sexo à procura de uma resposta, que acariciaram sutiãs anônimos na expectativa de um dia preencher aquele vazio, que fugiram medrosas num apelo ou ordem para apanhar bolos, mãos que tremeram de susto na hora da escrita, mãos que cuidavam dos bichos soltos, que arrancavam violentamente flores carnívoras que traziam o bucho cheio de insetos condenados, que colhiam devagar e cuidadosamente flores para serem cheiradas com uma tal intensidade como se as incorporasse. Mãos que cavam agora meu túmulo, depois de construir meu berço, que desnudam as mentiras ditas, pensadas, vividas, que ligam a mim o objeto, que o afasta do seu uso, instituindo na sua poética, que nunca passam a página de um livro escrito, mas que escrevem e descrevem círculos sem álgebras ou matemáticas, que ensinam e propõem um caminhando, que corta este "caminhando", engolindo-o até a imanência do ato. Que aprenderam a tricotar aos seis anos de idade"

(Clark Lygia, Breviário sobre o corpo pg 12, ano 1967).

Reflito sobre mãos que trazem lembranças, mãos calejadas, estas mãos que são parte de um corpo, e se ligam com os outros membros, se unem trazendo memórias, ou e compartilhando, mais outro. A cenografia quando trabalha com o sensível, propõe que o

cenógrafo se afaste da prática projetual e entregue a o público ou ato da criação. Fazendo com que possa trazer esta memória, e a cenografia são parte desse corpo, que traz estas marcas sensíveis.

Mergulhando mais na obra desses dois artistas, com a proposta desse trabalho, pretendo trazer minhas lembranças e emoções para o público, criando um espaço que possa ativar emoções, imaginar uma cenografia, um ambiente mais próximo do seu campo imagético, mas quando se deparar com o espaço que se surpreenda. Para chegar nesse objetivo, vou utilizar elementos que possam trabalhar causar estímulos pelo corpo: cheiros, pisos diferentes, frio, calor, confortável, não confortável, insegurança, segurança, som, texturas.

Proponho uma auto investigação, realizando um autorretrato, ao projeta um espaço no qual cada parte desse espaço seja um “Marcio”. Para criar esse projeto me inspiro na obra de Hélio Oiticica e modelo uma espécie de penetrável. Marcio e este penetrável. Apresentarei aqui cada setor desse espaço.

Márcio selvagem

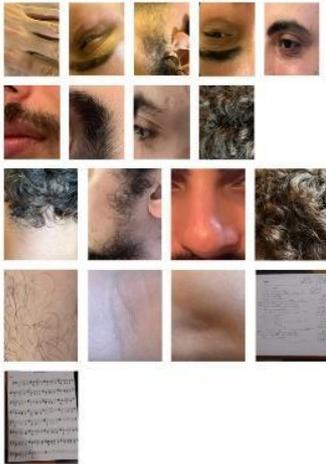
Este setor foi criado durante o experimento intitulado “voltar os olhares para si”. As fotos documentam meus pelos, onde começo a lembrar da natureza de que somos feitos e moldados ao logo de nossas vidas, das dificuldades que surgem, mas também que vem da matéria bruta e primeva que nos estimula a conviver com ela. Esse setor se materializa com o chão de terra, a tapadeira de bambu e uma cortina de sisal.



Eu sou uma pergunta

(Tão à Flor da pele)

Depois experimento com as fotos, conduzido pelo meu orientador, começo a pensar meu corpo fragmentado, nos tons diferentes da minha pele e esse setor é o único que se liga ao primeiro, o Selvagem, como se fosse uma extensão do “Marcio Selvagem”. Este setor possui um subtítulo, “tão à flor da pele”, identificando esta extensão do Marcio Selvagem.



Aldeia das gaiolas

Neste setor foram utilizadas gaiolas simbolizando uma aldeia: territórios de conteúdos aprisionados. Traineis compostos de ripas de madeira afastadas umas das outras, promovem abertura de luz, fazendo efeito de iluminar as minhas ideias. Numa referência aos meus medos, meus receios e meus julgamentos.



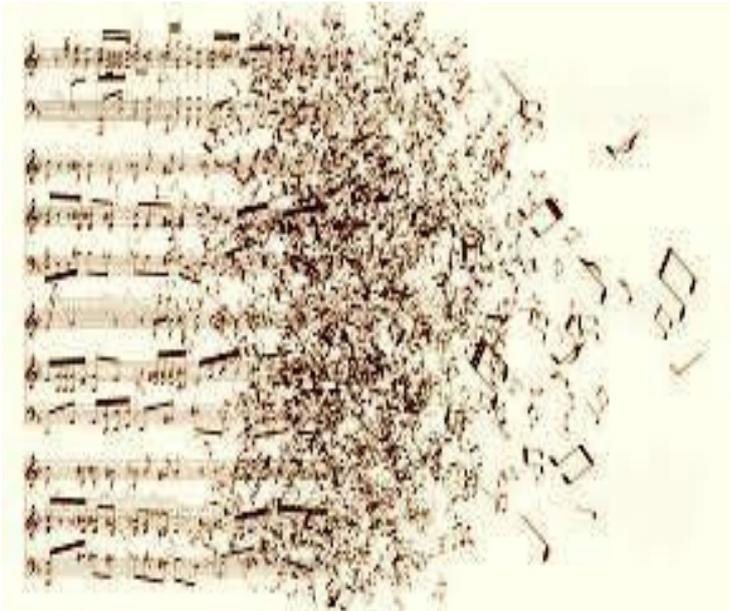
Rizoma

Este setor acolhe objetos aéreos sobre um piso negro, com espelho d'água. Entrego uma garrafa para os visitantes (as pessoas do meu convívio) que serão provocadas a escrever depoimentos não revelados de imediato. Após essa ação com as escritas, as pequenas garrafas serão preenchidas de areia e se constituirão num sitio de depoimentos arquivados. Entrego uma garrafa para os visitantes (pessoas do meu convívio) que serão provocadas a escrever depoimentos não revelados de imediato ao autor, senão numa data futura.



Luz e mistério

Este setor está representado por luminárias: partituras flutuantes que são fontes de luz. Esta parte revelaria o “Marcio solar”, e iluminará os outros espaços projetando luz e sombras, localizando esse Marcio numa terceira margem de percurso.



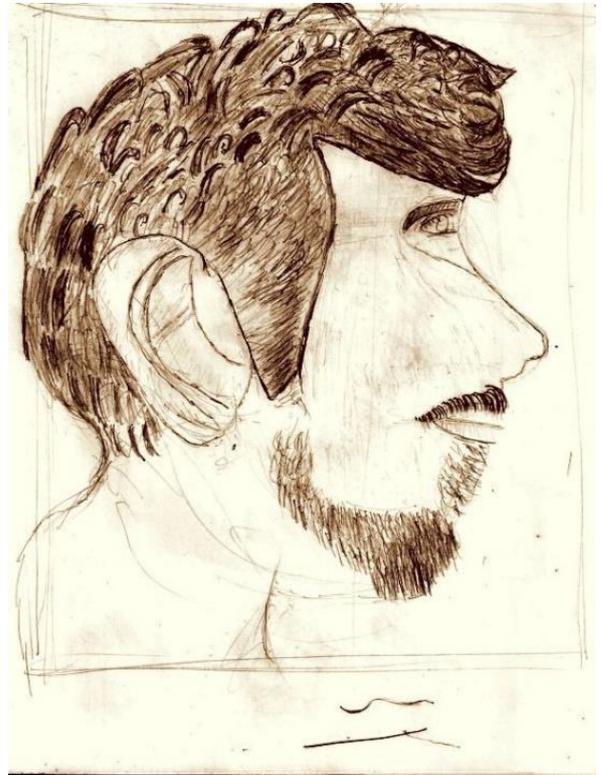
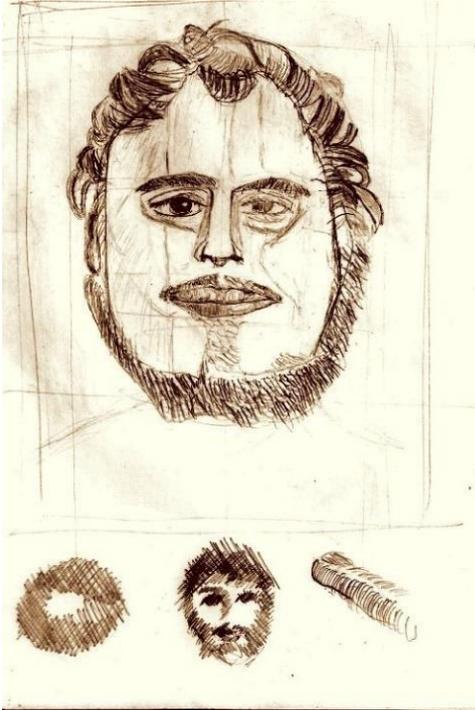


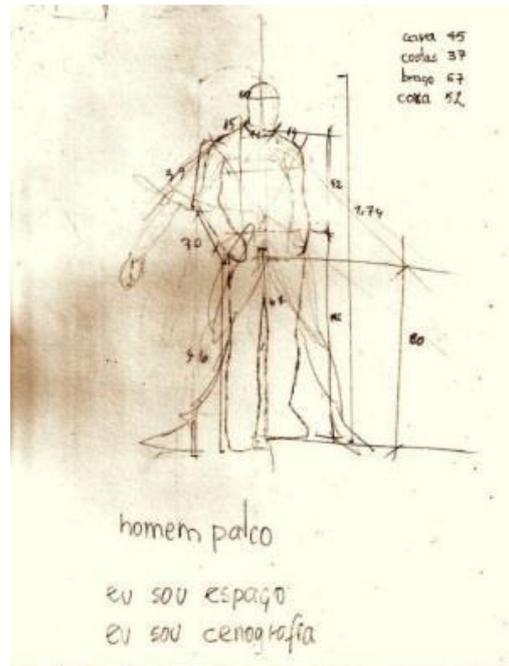
Bibliografias:

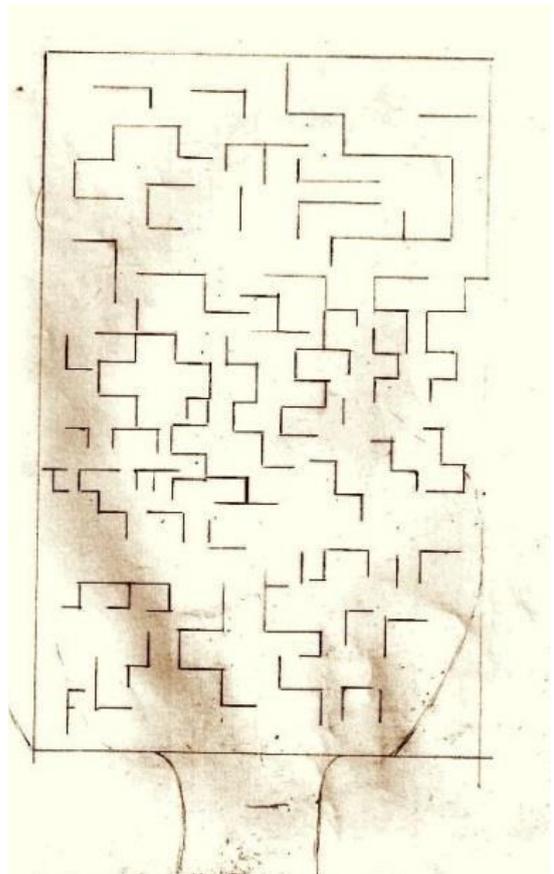
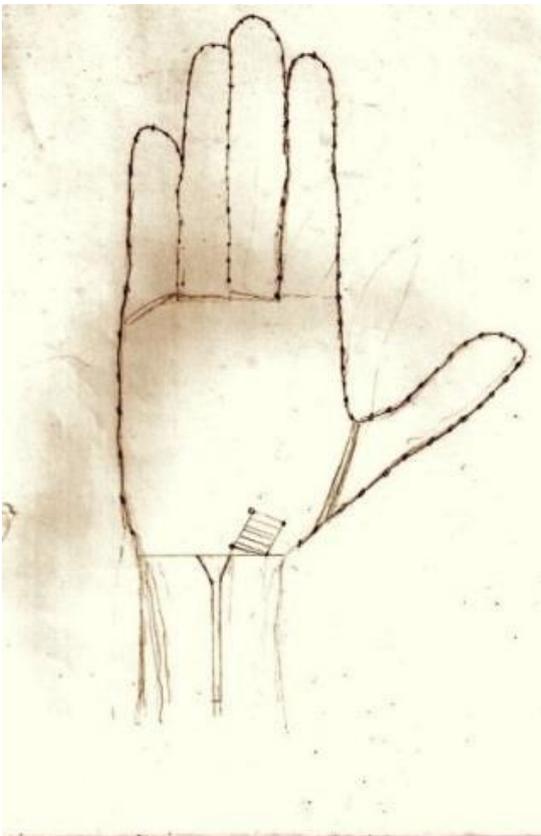
CLARK Lygia *Breviário sobre o corpo*: revista concinnitas | ano 16, volume 01, número 26, julho de 2015

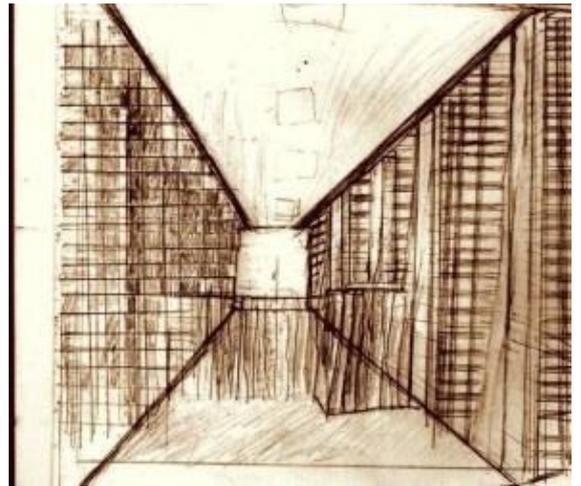
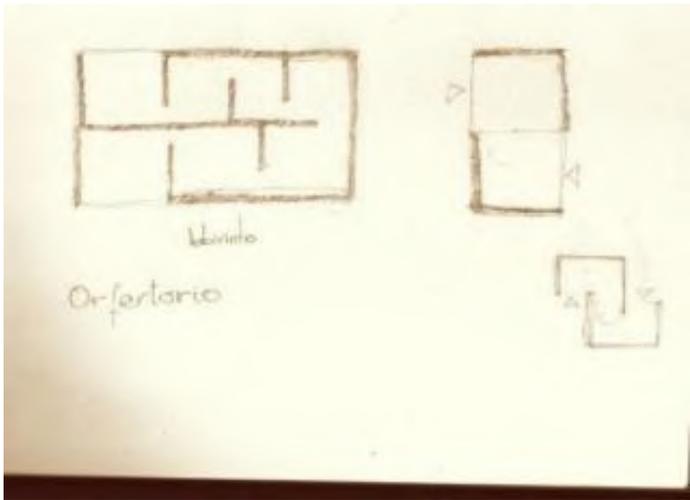
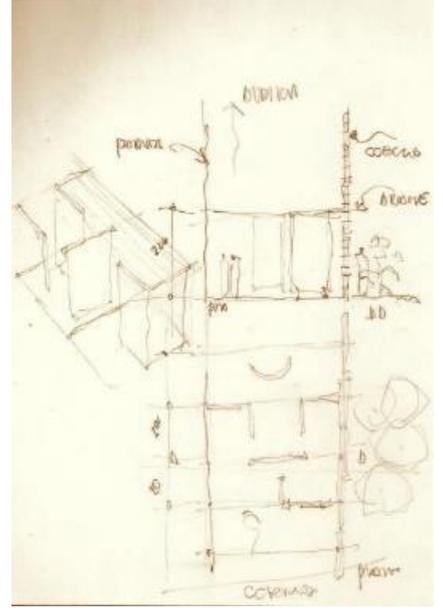
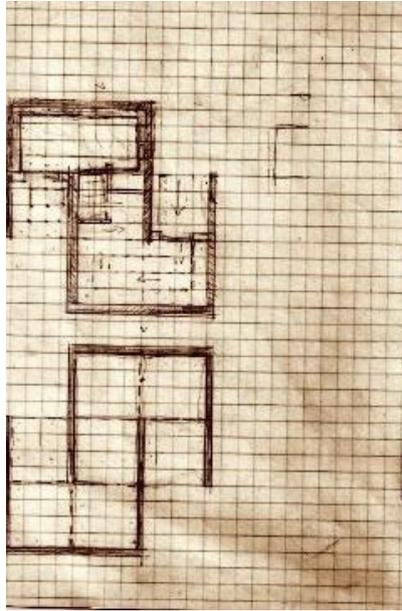
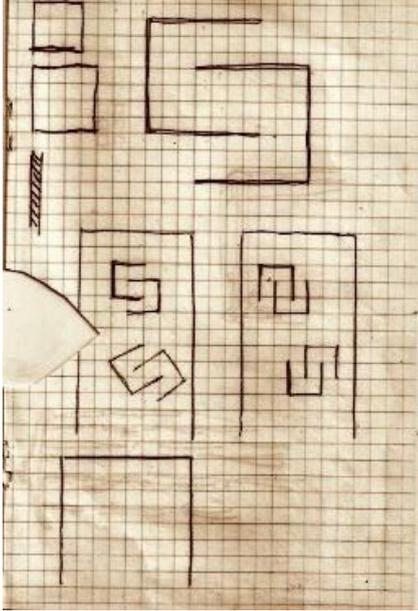
OITICICA, Hélio. *Situação da vanguarda no Brasil*. In: ALVARADO, Daisy Peccinini (org.). **Objeto de arte: Brasil anos 60**. São Paulo: FAAP, 1978. p.69-70.



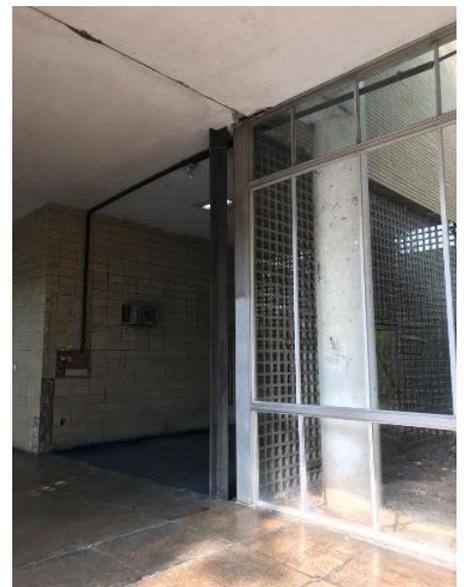




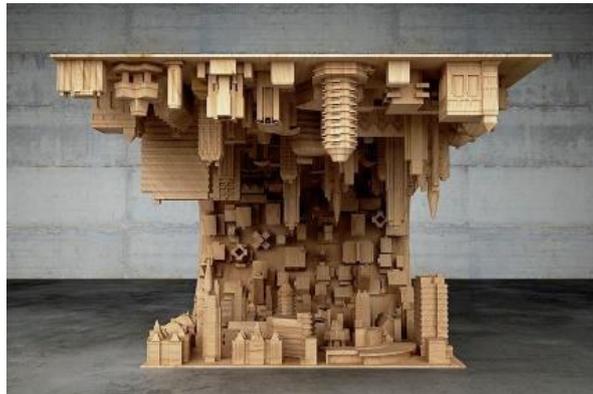




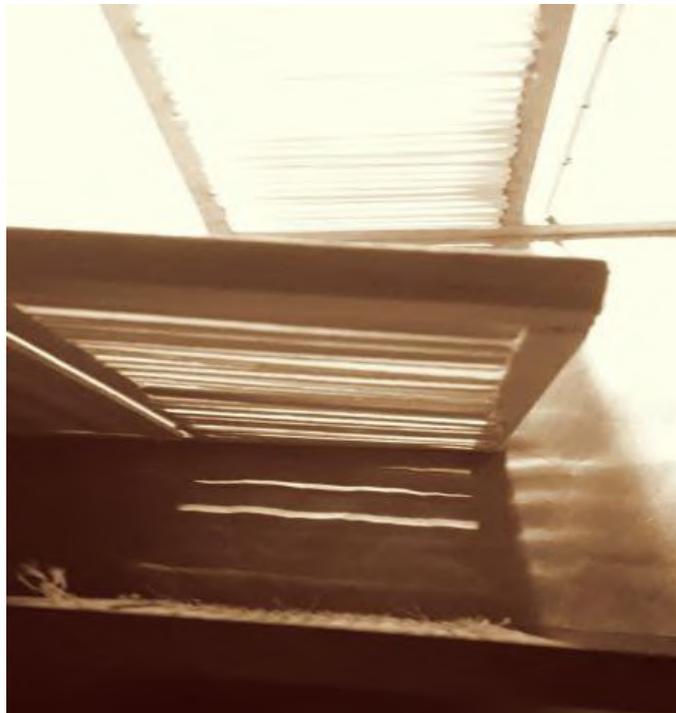
Espaço



Referências



Fotos do Processo



Maquete

